

Totalitarismo e imperialismo-I

X
ROQUE SPENCER
MACIEL DE BARROS

Entre as previsões de Marx acerca do inevitável perecimento do "capitalismo", perdido nas suas contradições, e o que realmente aconteceria, nos últimos anos do século XIX e nos primeiros deste século, abria-se um fosso, responsável, aliás, pelo movimento revisionista, de que Eduard Bernstein seria um símbolo, principalmente com a publicação, em 1899, de "Os pressupostos do socialismo e as tarefas da socialdemocracia" (Die Voraussetzungen des Sozialismus und die Aufgaben der Sozialdemokratie). O socialista neokantiano Bernstein (especialmente ligado a Hermann Cohen) percebia claramente que o sistema econômico que era chamado de "capitalista" evoluía de forma diversa da que lhe fora prescrita pelo marxismo. Indo mais além, Bernstein inicia a sua crítica pondo em questão o próprio materialismo histórico, com a sua idéia de "necessidade histórica". O materialismo, diz ele, "é um calvinismo ateu que, mesmo negando a idéia de predestinação, admite, entretanto, que tudo é determinado pela totalidade da matéria". Nesse contexto, Bernstein faz restrições até mesmo à decantada soberania dos fatores econômicos: "Setores inteiros do pensamento escapam hoje à economia. É o caso das ciências, das artes, de certos tipos de relações sociais" (Cf. "Les présupposés du socialisme", trad. francesa, Seuil, 1974, p.p. 36 e 41. Há tradução incompleta para o português, baseada na versão norte-americana, sob o título "Socialismo Evolutionário", Zahar, 1964. Para as passagens citadas, com discrepâncias de tradução, que, entretanto, não afetam o sentido geral, cf. p.p. 22 e 28).

Da crítica aos fundamentos, que inclui até a dialética hegeliana ("a obra de Marx e de Engels deve muito ao hegelianismo, mas ela não é grande senão nos pontos em que dele se afasta", ed. Seuil, p. 67, texto ausente na edição brasileira), Bernstein passa à crítica das prescrições (mais do que previsões, pois decorrem — não é Bernstein quem o diz — mais da vontade do que da inteligência) marxistas. Por exemplo a que se refere à pauperização crescente do proletariado ou à proletarização geral da sociedade, como nesta conclusão: "Se o colapso da sociedade moderna depende da desaparição das categorias médias situadas entre o topo e a base da pirâmide social, se ele tem por condição sua absorção pelos extremos, a grande empresa e o proletariado, então esse colapso, na Inglaterra, na Alemanha, na França, não está mais próximo hoje, em 1899, do que em um momento qualquer do século XIX" (ed. Seuil, p.p. 103/4, trad. bras., p. 59).

Não é nosso propósito, com essa invocação do revisionismo — de que o "renegado Bernstein" é expressão

marcante — entrar no seu exame minudente (cf. a respeito o Capítulo V do terceiro volume da obra de G.D.H. Cole sobre a história do pensamento socialista, "A Segunda Internacional — 1899-1914" — de 1956), mas apenas acentuar o fato de que ele ajuda a corroer o marxismo por dentro, pesando, nesse sentido, mais do que críticas feitas por adversários declarados da doutrina. A denúncia de que as profecias não se cumpriram, partida de alguém que também esperava por elas, afeta mais o fiel do que denúncia semelhante feita por qualquer infiel.

Mas, fossem tais denúncias feitas por fiéis ou infiéis, o fato é que a não efetivação das previsões ou profecias criavam um problema sério para os que ainda continuavam presos à ideologia marxista. De fato, se não quisessem também rever suas crenças, diante da evidência dos fatos, seriam tentados a criar teorias suplementares que constituíssem (tomaticos as expressões aos modernos debates sobre a filosofia da ciência) uma espécie de "cinto de proteção" do "núcleo teórico" do marxismo.

Falseada a teoria, que já não pode resistir à prova dos fatos, trata-se de "imunizá-la", retirando-a de vez, na verdade, do terreno científico, em que ela se pretendia impor, e deslocando-a, definitivamente, para o plano ideológico, onde impera a "irrefutabilidade", ao qual, realmente, ela sempre pertencera.

É sob esse aspecto, o da "imunização", que se há de entender a teoria do imperialismo que Lenin, em larga parte apoiado em Hobson e Hilferding, desenvolveu em 1916 em "O Imperialismo, fase superior do capitalismo", publicado em 1917.

Como o capitalismo, em lugar de atingir o seu destino catastrófico, prescrito pela "ciência marxista", prosperava e revelava sua capacidade de ajustamento e correção (como voltaria a fazê-lo depois da crise de 1929 e como continua a fazê-lo, sob as formas que alguns convencionaram designar por "neocapitalismo"), tratava-se de encontrar uma explicação para isso, de introduzir uma "nova fase", que serviria como uma espécie (não confessada) de correção da profecia, mas mantendo-a: daí seu papel de "cinto protetor". Essa teoria suplementar, pois, é a do imperialismo: as nações capitalistas mais avançadas adiam o seu colapso explorando as nações atrasadas e, com isso, a própria "luta de classes" ganha uma nova conotação. A classe explorada dos países industrializados, que de algum modo se torna também co-responsável na exploração dos países atrasados, se juntam agora as nações exploradas — e sabe-se o uso que a URSS, sob Stalin e até hoje, faz e faz dessa "teoria" para exportar para o impropriamente chamado Terceiro Mundo a sua ideologia.

A teoria leninista do imperialismo nos referiremos mais de perto em nosso próximo artigo.